

## A trajetória de um poeta

### ■ JOMAR MORAES

Bandeira Tribuzi, nome com que passou à história literária José Tribuzi Pinheiro Gomes, nasceu em São Luís, a 2 de fevereiro de 1927. Era filho do português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e de sua mulher, a maranhense Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes, cuja ascendência remonta ao pintor italiano Domingos Tribuzzi, que no século passado se radicou na capital maranhense, onde faleceu.

O pai de Bandeira Tribuzi, comerciante próspero em São Luís, sócio majoritário da tradicional firma Pinheiro Gomes - Representações A.A. (fundada em 1908 e ainda operando), visitava constantemente sua terra natal, quase sempre acompanhado da família, que desejava fosse também portuguesa.

*Adeus. La vou para o exílio português navegando pelo patriotismo de meu pai que desconfia das letras brasileiras e gostaria que todos os filhos nascidos no Brasil fossem bem portugueses até no sotaque com que ele resistia aos seus sessenta anos portugueses*

(Breve memorial do longo tempo)

Antes que completasse três anos de idade, seguiu Bandeira Tribuzi com os pais para Portugal. Ali permaneceu até concluir sua formação superior, havendo estudado em Aveiro, Porto e Coimbra.

Destinado, por desejo paterno, à vida sacerdotal, como franciscano, fez até o seminário maior, mas se recusou a tomar

ordens, por falta de vocação. O poeta, que, de volta a São Luís, não tardaria a deixar sua mesa de trabalho na firma Pinheiro Gomes, cedia ao apelo da vocação mais forte, que apontava para a poesia, para o jornalismo, enfim - para as letras que lhe dariam "a herança só de filhos e sonetos", e não para um endereço no centenário Largo do Carmo, fosse ele a casa comercial da família ou o convento que batizou o logradouro.

Formado em Filosofia e em Ciências Econômicas e Sociais, retornou José Tribuzi Pinheiro Gomes a São Luís em fins de 1946, na companhia dos pais. E começava seu destino gauche, na visão do português Joaquim. Não vinha de burel e tonsura, para as festa da missa nova na cidade natal, nem pretendia usar o nome prestigioso na praça - Pinheiro Gomes.

Trazia uma sólida cultura humanística, trazia os seus poetas preferidos, grandes vozes da renovação em Portugal e no Brasil - Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Pessoa, Drummond, Manuel Bandeira; também trazia García Lorca e Maiacovsky.

Mas, entre o franciscano que recusou ser e o comerciante que não quis permanecer, alguma coisa lembrava as qualidades de vocações tão díspares: a simplicidade no trajar-se, marcada sempre pelo uso de sandálias, e o gosto pelo trabalho diuturno. O frade que não foi ainda poderá ser entrevisto na decisão do novo batismo onomástico. São José Tribuzi Pinheiro Gomes, que esse, no Maranhão, jamais poderia ser nome de poeta, mas Bandeira Tribuzi: homenagem a Manuel Bandeira, poeta brasileiro de sua predileção, e o nome de família - justamente o

evocativo do ascendente artista, poeta das cores e das formas.

São Luís, em 1946, tinha grande movimentação cultural. Faziam-na jovens cheios do entusiasmo, dos sonhos e de uma certa rebeldia naturais a essa fase da vida. Apesar disso, estavam bastante defasados em relação aos avanços estéticos da época. Ia-se vencendo a década de 40, mas São Luís, a bem dizer, ainda nem se dera conta do vendaval de 22. Praticava-se, em larga escala, o sonetão pamasiano, e também se insistia em velhos motivos nacionalistas, recorrendo a modelos românticos muito utilizados no século passado, notadamente os arroubos de talhe condoreiro.

Bandeira Tribuzi logo pontificaria num grupo de jovens que com ele passou a reunir-se em diversos pontos da cidade, notadamente na Movelaria Guanabara, do pintor Pedro Paiva.

Discutia-se muito, de literatura a artes plásticas e a música, mas o forte, mesmo, nunca deixou de ser literatura, com predileção especial para a poesia, graças a marcante tradição maranhense até hoje plenamente válida.

Esse contato com os moços de sua terra - e que passou à crônica literária local com a denominação de Movimento da Movelaria - foi chamamento a que muitos acudiram. E a partir do qual se desencadeou um vigoroso processo de renovação de que Tribuzi sempre participou. Não como enfatuado ou pretensio líder, que tal condição jamais aceitaria para si, mas com as responsabilidades de homem de seu tempo, comprometido com as angústias e os problemas de sua terra e de sua gente, preferindo, como repetidamente

afirmou, ao aplauso da crítica, a compreensão, pelo povo, de sua mensagem. Sentia-se porta-voz, por isso mesmo que desejaria comunicar-se através de um grande e permanente comício literário, com seus versos validados através da apropriação pelo povo, como disse num livro publicado postumamente (*Íntimo comício*):

*Não quero meus versos numa antologia Quero-os rolando caminhos e dias na boca do povo: rosa de esperança vermelha e florida.*

A publicação de *Alguma existência* (1948), estréia de Bandeira Tribuzi em livro, correspondeu a um dos maiores acontecimentos literários de São Luís nessa década. O livro tornou-se pedra de toque de todas as conversas e discussões literárias, e também pedra de escândalo para muitos. Exagerado não seria afirmar que igualmente *Alguma existência* tornou-se pedra angular da nova poesia maranhense, imediatamente revelada por diversos livros, a exemplo de *Um pouco acima do chão*, de Ferreira Gullar, ou *Estrela do*

*céu perdido*, de Lago Burnett (ambos de 1949).

Entre manifestações iradas e expressões de aplauso, registre-se esta mostra da verve maranhense, segundo a qual Tribuzi foi a uma loja para comprar calçados e, indagado sobre sua pontuação, respondeu: "Eu não uso pontuação".

Aludia-se ao fato, ainda estranho em São Luís, de um livro grafado em minúsculas e com raríssimos sinais de pontuação.

A produção poética de Bandeira Tribuzi vai muito além dos livros reunidos neste volume. Parte já foi publicada postumamente (*Rosamonde e Tropicália*) e comporá outro volume, juntamente com o que sua viúva, Maria Tribuzi, está carinhosa e competentemente recolhendo de jornais, revistas e de um baú cheio de manuscritos.

Mas não se resume à poesia a produção literária de Bandeira Tribuzi. O poeta era também músico, economista, professor, compositor, jornalista e ensaísta. Em todos esses campos produziu bastante, alcançando qualidade e quantidade admiráveis para os 50 anos de vida que teve. Não era ficcionista, porém deixou uma novela de costumes,

recentemente editada.

Bandeira Tribuzi viveu a maior parte de seus dias em São Luís, mas fora o "exílio" português, da infância à primeira juventude, morou em Fortaleza e no Rio de Janeiro, trabalhando em jornais e em departamentos de comunicação social de empresas.

Em 1960 regressou a São Luís, como economista do DNER, cargo do qual foi demitido em 1964. Por sua corajosa militância na imprensa e em praça pública, tiraram-lhe o emprego e mandaram-no para a prisão.

Com a eleição de José Sarney para o Governo do Estado (1965), Bandeira Tribuzi foi convocado para trabalhar no planejamento governamental e teve relevante papel nas ações que então impulsionaram o desenvolvimento maranhense.

A partir daí, sempre esteve ligado aos órgãos de planejamento estadual e jamais deixou o trabalho em jornal, onde ficou grande parte de sua produção intelectual, sob as formas de artigos, ensaios, crônicas e matérias de redação.

Transcrito do livro  
*Romanceiro da cidade de São Luís*